



UFRGS
70 anos

UFRGS
70 anos



UFRGS / CPL
BIBLIOTECA
DATA 11/11/04

Reitora - **Wrana Maria Panizzi**

Vice-Reitor - **José Carlos Ferraz Hennemann**

Pró-Reitor de Ensino - **José Carlos Ferraz Hennemann**

Pró-Reitor Adjunto de Graduação - **Norberto Hoppen**

Pró-Reitora Adjunta de Pós-Graduação - **Jocelia Grazia**

Pró-Reitor de Pesquisa - **Carlos Alexandre Netto**

Pró-Reitor de Extensão - **Fernando Setembrino Meirelles**

Pró-Reitora de Planejamento e Administração - **Maria Alice Lahorgue**

Pró-Reitor de Infra-Estrutura - **Helio Henkin**

Pró-Reitor de Recursos Humanos - **Dimitrios Samios**

Secretária de Assuntos Institucionais e Internacionais - **Sílvia Maria Rocha**

Secretária de Avaliação Institucional - **Ana Maria e Souza Braga**

Secretário de Educação a Distância - **Franz Rainer Alfons Semmelmann**

Secretária de Desenvolvimento Tecnológico - **Maria Alice Lahorgue**

Secretário do Patrimônio Histórico - **Christoph Bernasiuk**

Secretário de Assuntos Estudantis - **Angelo Ronaldo Pereira da Silva**

Coordenador de Educação Básica e Profissional - **Aldo Antonello Rosito**

Procurador Geral - **Armando Pitrez**

Chefe de Gabinete - **Carmen Regina de Oliveira**

Direitos reservados desta edição: **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Organização: **Carmen Regina de Oliveira e Flavia Boni Licht**

Capa, projeto gráfico, editoração eletrônica e seleção de imagens: **Rosâne Vieira**

Revisão: **Carmen Regina de Oliveira, Flavia Boni Licht e Maria da Glória Almeida**

Apoio: **Cláudia Kuele**

Francisco Ferraz

gestão 1984-1988



Memória de uma gestão

Em primeiro lugar, uma nota pessoal. Fui muito feliz como Reitor. Sem qualquer exagero, do primeiro ao último dia de gestão, o exercício da Reitoria foi, para mim, uma experiência muito gratificante e feliz. Afinal, eu havia me preparado para o cargo desde 1979, tinha passado os últimos dois anos no MEC em Brasília, como secretário geral adjunto da ministra Esther de Figueiredo Ferraz, e mal podia esperar a possível nomeação, para começar a trabalhar.

O primeiro dia

Assumi a Reitoria no dia 17 de agosto de 1984, aos 43 anos. Era o reitor mais jovem da história da Universidade, mas possuía já uma considerável experiência, tanto no setor acadêmico como no setor administrativo.

Nada é mais emblemático do espírito com que eu assumia a Reitoria, do que o primeiro dia da gestão, que começava, imediatamente após a posse no Salão de Atos.

Um pequeno exército de operários, engenheiros e arquitetos “invadiu” o prédio da Reitoria e, naquele fim-de-semana, esvaziou o 5º andar, derrubando paredes, substituindo instalações, mexendo no piso e no teto, para começar a adaptação do prédio à nova estrutura administrativa que seria implantada.

Na segunda-feira, enquanto a obra continuava no 5º andar, no Salão de Festas já estavam instaladas, de forma provisória mas com todos os equipamentos funcionando, as Pró-Reitorias de Extensão, Administração e parte da Procuradoria.

Simultaneamente, obras de menor porte tinham também sido realizadas no Salão Nobre (6º andar), na Secretaria da Reitoria e na instalação do Gabinete do Procurador Geral e do Conselho de Assessoramento Superior (COAS).

Na segunda-feira, grande era a surpresa dos funcionários, professores e alunos que foram à Reitoria, ao perceber a mudança de porte que já acontecera, sem que qualquer serviço tivesse sido descontinuado.

Tínhamos começado. Passáramos bem pelo primeiro teste. Surpresas como essas iriam acontecer nos próximos 4 anos.

Pró-reitor de Planejamento

O reitor Jobim gostava de mim, queria aproveitar-me em sua gestão, mas nutria dúvidas sobre como me aproveitar, por achar-me muito jovem.

Foi meu amigo Carlos Veríssimo Amaral, que fora superintendente administrativo na gestão de Eduardo Faraco, quem, no retorno de uma viagem a Brasília, conversava com o reitor Jobim, quando este lhe falou sobre a escolha dos pró-reitores e mencionou o meu nome.

Amaral apoiou minha eventual indicação e sugeriu-lhe que devia, ao contrário de suas preocupações, ter alguém jovem na sua administração. Alguém “feito” por ele, Jobim. E que eu seria a pessoa que ele indicava.

Logo após essa viagem, Jobim se decidiu e convocou-me ao ga-

binete. Convidou-me por duas vezes para duas Pró-Reitorias que respeitosamente recusei.

Por fim, num dia de sessão do Conselho de Coordenação do Ensino e da Pesquisa (Cocep) chamou-me novamente. Desta vez disse-me que tinha um convite que eu não poderia recusar: a Pró-Reitoria de Planejamento, que tinha, como competência exclusiva, planejar e administrar o orçamento da Universidade e a construção do novo *Campus*. Pedi tempo para pensar, e ele respondeu que eu tinha tempo até o fim da reunião do Cocep...

Terminada a reunião, fui ao gabinete comunicar ao reitor a minha aceitação. Começava assim minha carreira na administração superior da Universidade.

Apresentei-me na então Secretaria Geral de Planejamento, em 1976, como seu novo titular, para fazer um aprendizado intensivo com um dos “monstros sagrados” da administração universitária, o mestre Luiz Duarte Vianna, até então titular do Planejamento.

Encerrada a semana de iniciação, entrei em pleno exercício, recebendo lições diárias sobre orçamento de Roberto Alves Pinto e Oscar Langlois, assim como sobre o *Campus* e as artes da construção com Luiz Carlos Ribeiro Bortolini e Cyrillo Crestani.

Com eles e outros da Pró-Reitoria e do Escritório Técnico do *Campus*, formei a equipe que iria trabalhar comigo por dez anos: primeiro como pró-reitor e depois como reitor.

Jobim deu-me plenos poderes para levar adiante a obra do *Campus* e eu atirei-me a ela com paixão. Concluímos as quatro velhas estruturas de Paglioli, que Wolff havia começado a fechar, onde se encontram hoje o Instituto de Letras, o Instituto de Ciência dos Alimentos, o prédio de sala-de-aulas vizinho e o da Escola Técnica de Comércio.

Em março de 1977, levamos para o *Campus* o Instituto de Letras – o primeiro a ocupar o novo *Campus* –, em julho do mesmo ano levamos o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) – instalados no prédio “D” cuja estrutura datava do período de Paglioli – e inauguramos o novo e moderno Restaurante Universitário.

Foi somente depois que logramos assinar o convênio com a Caixa Econômica Federal (CEF), bancado pelo MEC, com o apoio decisivo do então deputado federal Nelson Marchezan, que pudemos começar a construção das estruturas dos prédios do Bloco I (onde hoje se encontram o Instituto de Química, o de Física, o de Matemática e o de Geociências), assim como as estruturas dos blocos III e IV, o anel viário e as pontes sobre o Arroio Ipiranga.

Essas construções eram realizadas por empresas privadas contratadas em regime de empreitada, mediante processo de licitação.

No projeto que era licitado, já estavam incorporados um conjunto de conceitos e definições de natureza construtiva e um planejamento acadêmico para os novos espaços.

Estes princípios que projetavam um conceito de universidade moderna, haviam sido desenvolvidos pelo coordenador do Escritório Técnico, Luiz Carlos Bortolini e Cyrillo Crestani, após uma profunda pesquisa junto aos nossos professores, especialistas de outras universidades, discussões com o então Conselho de Planejamento e Desenvolvimento (Coplad) e junto ao Conselho Universitário.

Inauguramos, de forma pioneira no Rio Grande do Sul, um modelo construtivo não convencional, baseado em oito peças de concreto, pré-moldadas no próprio canteiro de obras, além de uma (a viga de cobertura) pré-moldada com concreto protendido, desenvolvido sob a responsabilidade técnica do engenheiro Ervino Fritsch.

Os prédios começaram a aparecer, construídos como um brinquedo de montar, onde as guias e os guindastes o compunham com suas peças montadas mediante ajustes e rebites. Passados alguns meses, construíamos a estrutura e cobertura de um prédio de 17,5m por 60m, com dois pisos, no período de 1 mês.

Ainda na gestão Homero Jobim, levou-se para o *Campus* o Instituto de Química, não sem antes passar pela intensa contestação de alunos e professores, que se queixavam da distância do *Campus*, que havia pouco tempo para a mudança (férias) ou, até mesmo, se opondo à própria idéia de um novo *Campus*, como já ocorrera nas mudanças anteriores.

Hoje, vendo o surto de construção nas Universidades privadas, como a Ulbra, Unisinos e a PUC, e o porte de suas edificações, penso o que seria da UFRGS, se tivéssemos cedido à pressão dos que não queriam mudar-se para o *Campus*.

Sem os novos e modernos espaços para aulas, laboratórios, bibliotecas, oficinas, gabinetes, locais para armazenar acervos valiosos, como a UFRGS poderia funcionar hoje nos antigos prédios do Campus Central?

Quando vou ao *Campus* dar minhas aulas e vejo a naturalidade com que alunos e professores o incorporaram às suas vidas, não posso deixar de lembrar as dificuldades, contestações e greves que tivemos que enfrentar para torná-lo uma realidade. É uma lição importante. Ainda que representativa, a liderança universitária não pode se limitar a ser um porta-voz dos movimentos e pressões conjunturais. Deve ser capaz de enfrentá-las, contrariá-las até, pois certos projetos não podem ser julgados apenas no momento. Exigem um tempo para comprovar que eram oportunos, tempestivos e imprescindíveis.

Pró-reitor de Planejamento e de Administração do reitor Macarthy

Em 1980 disputei a Reitoria, liderando uma chapa que foi integralmente vencedora, e da qual faziam parte, além de mim, os professores Macarthy Moreira, Gerhard Jacob, Eloy Julius Garcia, Athayde e Paulo Barbosa Lessa.

Foi escolhido reitor o professor Earle Diniz Macarthy Moreira, meu amigo, companheiro de IFCH, e do Cocep, valioso e lúcido conselheiro a quem recorria costumeiramente, como pró-reitor na gestão de Homero Jobim.

O novo reitor me honrou com seu convite e entregou-me duas Pró-Reitorias – Planejamento e Administração - que acumulei por dois anos, até afastar-me para assumir o cargo de secretário geral adjunto no Ministério da Educação em Brasília.

A gestão Macarthy e a administração direta das obras do *Campus*

Macarthy, como Jobim, manteve a ampla delegação de poderes que eu possuía, para a construção do *Campus*. Manteve também a

prioridade da continuidade das obras do *Campus*.

O projeto, entretanto, sofreu o impacto das dificuldades econômicas do país, sobretudo de uma descontrolada inflação que corroía os valores destinados às obras, inviabilizando os contratos firmados.

A resposta dada a esse desafio pela gestão Macarthy foi dupla: de um lado, a reformulação do Plano Diretor original do *Campus* (que chegaria apenas até o Bloco IV, cujas estruturas foram construídas na gestão de Jobim) e, de outro, recorrer à administração direta das obras ao invés dos contratos de empreitada.

O novo modelo impunha a transformação do Escritório Técnico no equivalente a uma grande construtora, administrando mais de 1000 operários e adquirindo diretamente os materiais de obra.

Foi esta decisão estratégica que viabilizou a continuidade das obras naquele contexto econômico adverso.

Este foi o momento em que, em função da necessidade de maximizar os recursos existentes, implementaram-se as oficinas de produção de componentes para a construção (pré-moldados, gesso, marcenaria, serralheria, viveiro de plantas).

Para a execução das obras de infra-estrutura, investiu-se na aquisição de tratores, retro-escavadeira, caminhões-caçamba, formas e outros equipamentos de construção.

É também o período em que a administração de materiais passa a ser um formidável mecanismo de otimização dos recursos. Passou-se a comprar para o futuro, estocando antecipadamente materiais de construção e acabamento, como forma de se proteger da inflação.

Foi esta decisão do reitor Macarthy que permitiu durante a sua gestão: dar andamento às obras civis do Instituto de Física e de Matemática, que possuíam concluída apenas sua parte estrutural; abrir-se, para toda a Universidade, os benefícios que a estrutura de administração direta, com suas oficinas ensejava; e prover a administração que o sucedeu com um novo modelo de administração

de obras e serviços, de alta eficiência e produtividade, além de ampla provisão de material de construção estocado.

Porque estou me alongando na descrição desse período que precedeu a minha administração? Primeiro porque, tendo participado de três das quatro gestões que construíram o *Campus*, na condição de pró-reitor de Planejamento ou de reitor, disponho das condições para relatar em detalhe essa história. Em segundo lugar, para não permitir que caia no esquecimento o fato da singular continuidade na administração da Universidade, por quatro gestões: a de Ivo Wolff, a de Homero Jobim, a de Earle Macarthy Moreira e a minha.

O foco central dessa continuidade foi o compromisso com a obra de construção do novo *Campus*, que se traduziu em:

1. Respeito ao mesmo projeto acadêmico-construtivo.
2. Preservação da equipe — Escritório Técnico — como uma estrutura a parte da administração comum, diretamente ligada ao reitor, por meio da Pró-Reitoria de Planejamento.
3. Exercício permanente da criatividade e flexibilidade para contornar os problemas que surgiam, adotando medidas que permitiam a continuidade do projeto nos seus piores momentos.

Como pró-reitor de Planejamento, responsável pela obra do novo *Campus*, convivi diretamente com todos os profissionais envolvidos naquela obra, tornando-me amigo de todos.

A construção do novo *Campus* foi uma contínua luta contra dificuldades que, por vezes, pareciam inviabilizar o futuro do projeto. Ivo Wolff, Homero Jobim e Macarthy, todos a seu tempo e à sua maneira, não esmoreceram diante dos problemas. Cada um agregou a esse processo decisões pessoais determinantes para que o projeto pudesse avançar. Cada um deixou no novo *Campus* a marca da sua liderança pessoal. Poucos conhecem essa história. Poucos a ela hoje se referem. Eu, porém, sinto-me no dever de resgatá-la do esquecimento.

A construção do *Campus* durante minha administração

No período da minha gestão, frutificaram plenamente as deci-

sões tomadas e implementadas nas gestões anteriores, dentro daquele espírito e compromisso de continuidade a que já me referi.

As estruturas para a administração direta das obras – criadas na gestão Macarthy – apresentaram desempenho extraordinário.

Trabalhando sempre no limite de suas possibilidades, supriu com seu corpo técnico altamente qualificado e com as oficinas de produção (algumas, como a marcenaria, em escala industrial de trabalho), todas as obras do *Campus*, além de prover as ações da Pró-Reitoria de Administração e da Prefeitura Universitária, esta responsável pela manutenção e reforma das instalações existentes nos outros *campi*.

Com recursos advindos do MEC/FAS Especial, de outras fontes de financiamento à pesquisa, como a Finep, e com recursos próprios, desenvolveu-se no *Campus* um considerável volume de obras, como relato a seguir:

–no Bloco I, foram concluídas as obras do Instituto de Física e totalmente executadas as destinadas aos Instituto de Matemática e de Geociências, à Central Analítica da Química e aos prédios de salas-de-aula daquele bloco;

–no Bloco II, foram iniciadas as obras de reformas do prédio D, para destiná-lo ao uso exclusivo do Instituto de Letras;

–no Bloco III, foi totalmente construída a sede do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e iniciada a do Departamento de Genética;

–no Bloco IV, foram edificadas as sedes do Centro de Biotecnologia e a do Instituto de Informática (primeiro módulo);

–nos Blocos I e II, seus anexos foram totalmente edificados, assim como o Centro Comercial e a área de vivência.

Ainda no Bloco I, ao inaugurarmos as sedes dos Institutos de Física e de Matemática, os resgatamos dos laboratórios improvisados em escadas e corredores no seu antigo prédio da antiga Faculdade de Filosofia no Campus Central.

O ministro Marco Maciel esteve presente à inauguração, e co-lheu, ao meu lado, uma formidável vaia, patrocinada por professores e alunos daqueles institutos, em protesto contra a decisão de mudá-los para o novo *Campus*...

Carrego comigo o orgulho de ter sido, durante dez anos, o responsável direto pela construção dessa grande obra, gozando da mais completa confiança de dois reitores e tendo ainda a enorme gratificação de poder coroar essa realização como reitor da minha Universidade.

Formando um novo governo para a UFRGS

Em 1984 disputei novamente a Reitoria, liderando uma chapa que foi vencedora na reunião dos conselhos. Os tempos haviam já mudado e, embora não a disputasse, venci uma eleição direta, organizada pela Associação dos Docentes da UFRGS.

Ficava assim, novamente, à espera de uma nomeação presidencial. Desta vez, entretanto, minha estadia em Brasília por dois anos, ocupando cargo de confiança da ministra e do seu secretário geral, meu grande amigo Sérgio Mário Pasquali, favorecia em muito a minha pretensão.

A moderna visão de Universidade que eu adquirira, e que, a partir de agora, eu tinha o poder de implantar, exigia uma nova forma de administração e novos perfis de dirigentes na Reitoria.

Comecei a estruturar tudo isso em Brasília, após a lista sêxtupla de 1984 ter sido enviada ao Ministério e, mais tarde, já nomeado reitor, em Porto Alegre, instalado no gabinete de Bernardo Liberman, diretor do Instituto de Física que, desde 1982 assumira, por própria decisão, a coordenação de um movimento para me eleger reitor.

Este foi um período de tempo muito fértil. Foi nesta época que alguns dos novos princípios, que viriam a nortear a minha administração, foram concebidos.

A estrutura matricial de administração, o conceito dos projetos especiais, a idéia de lançar os projetos em “ondas sucessivas”, foram todos gestados neste período. Um assunto eu não conversava com ninguém, nem mesmo com os mais íntimos: os nomes e as funções das pessoas que eu iria escolher para compor a administração.

Quando vinha a Porto Alegre de Brasília, fazia as reuniões gerais na sala de direção do Instituto de Biociências e me instalava no gabinete do diretor do Instituto de Física de então, Bernardo Liberman.

Foi lá que finalmente recebi, por telefone a comunicação do ministro da Casa Civil do Governo, dr. João Leitão de Abreu, de que minha portaria havia sido assinada pela presidente da República e que eu era o novo reitor da UFRGS.

Já nomeado, mas ainda não empossado, começava uma nova fase que duraria de maio a 17 de agosto de 1984.

A montagem da nova administração

Uma “obra relâmpago” no antigo Instituto de Física adaptou aqueles espaços para um mini-gabinete, onde me instalei depois de pedir minha exoneração do MEC e voltar definitivamente para Porto Alegre.

Tratava-se agora de montar a administração, escolhendo os nomes que iriam integrá-la, com todas as dificuldades pessoais que essa tarefa implica.

Os dois primeiros pró-reitores que escolhi foram Luiz Carlos Ribeiro Bortolini e Roberto Alves Pinto, para as Pró-Reitorias de Administração e Planejamento, respectivamente.

Não foi fácil persuadi-los a aceitar os encargos. Era a primeira vez que se entregava a funcionários graduados, funções da mais alta hierarquia da direção da Universidade. Essas eram funções que, historicamente, sempre haviam sido preenchidas por professores.

Embora meus amigos, falei com eles como reitor não deixando espaço para negativas. Foi a primeira vez que senti a presença real, sobre a minha pessoa, da mística do cargo, do poder que dele emanava e da diferença que se estabelecera entre nós.

Geraldo Brochado da Rocha era o próximo na minha lista. O grande mestre, o político experimentado, o amigo sem reservas, o conselheiro das horas difíceis, teve que ser convocado com toda a autoridade de um reitor que tinha idade para ser seu filho, para a função delicada de Procurador Geral da Universidade. Ao fim aceitou, não sem antes fazer uma exigência: que o busto de bronze de Getúlio, que se encontrava no segundo andar, fosse “entronizado” no seu gabinete.

Bernardo Liberman foi nomeado para a chefia do Gabinete, Valentim Uberti foi persuadido, depois de muita insistência, para assumir a

Pró-Reitoria da Comunidade Universitária, Flávio Loureiro Chaves, meu amigo desde a Faculdade de Direito, assumiu a Pró-Reitoria de Extensão e Hélio Trindade, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, aceitando, com elegância, aguardar sua efetiva nomeação, para depois que Gerhard (que nela permanecia, por razões de natureza administrativa), fosse nomeado vice-reitor.

Indiquei, e a seguir aprovamos no Conselho Universitário, o professor doutor Carlos Cezar de Albuquerque para a sempre delicada e difícil tarefa de presidir o Hospital de Clínicas. Quem nos aproximou foi meu sempre discreto amigo Sérgio Machado (hoje presidente do mesmo hospital). Carlos Cezar, não apenas dirigiu com incrível competência o HCPA, como foi mantido naquela função por mais dois mandatos, tendo dela saído para ser ministro da Saúde, do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Neste período também foram nomeados meus amigos e colegas de Departamento, Ivan Dall' Igna Osório para o Departamento de Pessoal e João Guilherme Correia de Souza para coordenar o COAS. Nessa função, João Guilherme, com seu entusiasmo contagiante, sua inteligência lúcida e sua visão de conjunto da administração combinada com um especial talento para identificar detalhes potencialmente estratégicos, veio a tornar-se meu conselheiro pessoal. Por trás de sua discrição, esconde-se a grande colaboração que deu à administração.

Vergara Marques foi escolhido para a direção da Rádio da Universidade, Clésio Silva para a direção do CPD e meu grande amigo e antigo professor Luiz Oswaldo Leite, para dirigir a Editora da Universidade, sendo, mais tarde, convocado para a minha chefia de Gabinete, quando do afastamento de Bernardo Liberman para pós-doutorado na França.

A antiga Divisão de Obras, já muito enfraquecida pelo surto de construções de obras novas no *Campus*, foi transformada em Prefeitura Universitária, sob o comando do competente Emmanuel Santos Gomes, e a direção do Escritório Técnico do *Campus* foi entregue a Cyrillo Crestani, com a responsabilidade agora de projetar todas as obras novas da Universidade, em todos os demais espaços da UFRGS. Para a

Estação Experimental Agronômica nomeei o professor Maraschin, e toda a experiência e dedicação à Universidade do engenheiro Acylio Ferreira foram utilizadas no assessoramento do novo pró-reitor de Administração.

Por fim, designei para o Conselho de Curadores o desembargador Balduino Mânica, meu amigo e companheiro dos bancos escolares e da política estudantil (quando foi secretário de finanças da União Estadual de Estudantes, enquanto eu era seu presidente).

Faltava a Pró-Reitoria de Graduação. Era uma função desejada por muitos. A curiosidade era geral, os boatos se sucediam e eu me mantinha radicalmente silencioso sobre o assunto. Na realidade, a escolha já estava feita em minha cabeça há muito tempo. Ninguém, entretanto, nem mesmo os mais próximos, faziam a mínima idéia. A decisão foi totalmente pessoal e caiu como uma bomba na Universidade.

Com ela, eu pretendia esse efeito surpresa, a garantia de que contaria com o mais qualificado professor para aquela área, fazendo justiça a quem tanto tinha construído em prol da Universidade e tão pouco reconhecimento tivera, depois de sair do poder. O pró-reitor de Graduação seria Walter Otto Cybis.

A sucessão de Ivo Wolff fora disputada por Cybis e Jobim. E eu havia apoiado Jobim, que foi nomeado. Cybis recolheu-se à sua querida Escola de Engenharia e, com humildade, voltou à sala-de-aula. A Universidade, como tantas vezes mais vi acontecer com outros, esqueceu Cybis.

Nomear Cybis era provar que a Universidade não se esquece dos que muito fizeram por ela, era restabelecer a justiça e, mais que tudo, dar a ela o mais competente e qualificado pró-reitor de Graduação.

O próximo passo foi chamar Cybis. Veio sem saber de nada e, ao receber o convite, caiu na cadeira em completo estado de confusão. Depois de muita conversa, revisão do nosso passado, exposição de minhas idéias, ele aceitou e foi anunciado, para surpresa geral da Universidade.

Como tinha tempo, lançava os nomes dos pró-reitores e outros colaboradores nomeados em grupos de dois ou três, fazendo com que

se prolongasse, na Universidade e na sociedade, o impacto de suas escolhas.

A criação dos projetos especiais

No mesmo período, nomeei os coordenadores de projetos especiais. O conceito provinha da estrutura matricial concebida para administrar a Universidade.

Enquanto os pró-reitores administravam estruturas verticais, com funções e competências regimentalmente previstas, os coordenadores de projetos eram incumbidos de criar novas estruturas, com um mínimo de auxiliares (de dois a três) agindo horizontalmente, isto é, indo buscar os meios necessários – pessoal e material – aonde se encontrassem: nos departamentos, nos institutos e nas pró-reitorias.

Como eles estavam vinculados diretamente ao reitor, toda a nova administração ficava na obrigação de cooperar com o que fosse necessário.

Assim, instituiu-se uma estrutura leve, não burocrática, trabalhando sobre projetos, cuja execução se dava pela cooperação dos mais variados órgãos da Universidade, otimizando recursos e criando novas atividades que as pró-reitorias, sobrecarregadas com suas atribuições regimentais, não tinham condição de realizar.

Criei então os projetos: constituição da Associação dos Antigos Alunos da UFRGS, que foi entregue ao mestre Pery Pinto Diniz, antigo vice-reitor de Paglioli; o Museu Universitário, sob o encargo da professora Maria Helena Bered; o de Produção de Material Instrucional, a cargo do professor Eduardo Barros; o da Comissão de História da UFRGS, dirigido por Dante de Laytano, com Pery Diniz e Mozart Soares; o de Equipamentos de Ensino, com José Oscar Remião.

Depois criei o Projeto Especial Pró-Servidor que, pela primeira vez, instituiu o atendimento pleno e gratuito no HCPA para todos os funcionários da UFRGS e seus dependentes e, seis meses mais tarde, o mesmo projeto estendeu-se para o atendimento odontológico. Este trabalho foi desenvolvido por Ivan Osório, que para essa função fora deslocado, ocupando seu lugar no Departamento de Pessoal Aldrivo Rodrigues.

Na Assessoria de Imprensa coloquei Gilberto Leal e Ferrão que, além de suas funções regulares, produziram quatorze jornais da UFRGS, que relatavam, com riqueza de material e qualidade de produção, a obra que se realizava.

A montagem dessa estrutura mais que duplicara as funções de primeiro escalão da Universidade, pois eu despachava pessoalmente com todos os que recém foram nominados, o que implicava numa administração de gabinete altamente eficiente, que, dirigida primeiro por Bernardo Liberman e depois por Luiz Oswaldo Leite, contava ainda com Martha Horn, Marininha Brochado da Rocha, Carmen de Oliveira, Ana Maria Tolentino de Souza e Leonardo Guimarães no Cerimonial.

Last but not least, eu possuía ainda uma expressiva maioria nos Conselho Universitário e Cocep, derivada da própria campanha para a Reitoria e reafirmada na escolha dos novos diretores, tendo sido também sempre ouvido pelo ministro.

Os dias que se seguiram ao “primeiro dia”

Foi esse pequeno exército de aproximadamente 50 pessoas que, após aquele “primeiro dia”, ocupou a Reitoria para começar a nova administração.

Era, sem dúvida, um grupo singular. Incluía veteranos e novatos, professores e funcionários, aposentados e da ativa, cobria todas as áreas, ocupavam funções já há muito conhecidas e outras que eram completas novidades.

Todos, entretanto, imbuídos do mesmo espírito. Eu tivera seis meses para prepará-los, sem jamais falarmos em cargos e nomes, mas sim explicando como deveria ser a futura administração.

Ao assumir, eram pessoas informadas não apenas de suas áreas respectivas, como de questões que se referiam a toda a Universidade.

Conheciam os novos conceitos de administração matricial, administração por projetos, lançamento dos projetos em “ondas”, o significado dos projetos especiais, a meta maior de aproximar a UFRGS da sociedade, a valorização da história da Universidade e o princípio, tantas vezes referido (e depois tantas vezes praticado) de “testar os

limites da realidade pelo exercício da ousadia”.

Os dias que se seguiram ao primeiro dia foram, cada um deles, dias especiais. Essa equipe fantástica, liberada para criar, motivada pelo desafio, amparada e estimulada pela comunidade universitária, nas suas múltiplas interações, na instigante combinação dos mais velhos e experientes e os mais novos – onde, não poucas vezes, os mais velhos se revelavam mais ousados que os jovens –, conseguiu criar um ritmo de trabalho de grande intensidade e situar a nossa Universidade novamente no centro da sociedade. Para nós, não havia nem fim-de-semana garantido para o repouso nem férias asseguradas. Um e outra podiam, a qualquer momento, ser interrompidos ou mesmo renunciados, em prol das realizações que queríamos, com orgulho, entregar à Universidade, no momento em que as aulas recomeçassem.

Nada foi mais ilustrativo desse espírito que animava a todos do que a criação do Centro Cultural, com seus dois projetos: a restauração dos prédios históricos e a programação de férias.

O Centro Cultural

O Centro Cultural da Universidade não era apenas um projeto como outros. Desde logo era dirigido diretamente pelo reitor. Além disso, ele fora criado a partir de dois diagnósticos, maduramente elaborados.

Como tal, era a resultante de um diagnóstico sobre a questão geral do espaço físico da Universidade, em todos os sítios que ocupava na cidade, sobre a destinação que devia ser dada aos treze prédios históricos da UFRGS e o diagnóstico sobre a função cultural da Universidade em relação à sociedade.

O diagnóstico sobre o espaço físico

O Plano Diretor original do Campus do Vale previa que todos os institutos, escolas e faculdades deveriam ser transferidos para o novo *Campus*, em novas sedes.

Confesso que essa idéia nunca me fascinou. Via, com clareza, o quanto institutos básicos como Física, Geociências, Química e outros tinham a ganhar, transferindo-se para o *Campus*. Lá, seus professores e alunos teriam espaços suficientes para contar com laboratórios no-

vos e modernos, redes para sustentar o funcionamento de equipamentos complexos, gabinetes pessoais, bibliotecas amplas, etc.

Já não via da mesma forma faculdades como a de Direito e de Economia, que pouco tinham a ganhar indo para o *Campus*, e muito a perder. Uma faculdade que basicamente ministrava um estudo teórico, sem laboratórios nem equipamentos especiais – como era o caso do Direito – poderia permanecer em sua tradicional sede, um dos nossos prédios históricos, desde que ele fosse recuperado e melhor adaptado.

De outra parte, as faculdades da área médica, Odontologia, Medicina e Enfermagem, deveriam permanecer na área do Campus Médico, em torno do nosso Hospital de Clínicas. Aliás, mesmo no Plano Diretor original, elas não deveriam se deslocar para o *Campus*, assim como a ESEF e o Centro Olímpico.

Com essas considerações em mente, passei a ver a questão do espaço físico da UFRGS como um problema mais amplo que a construção do novo *Campus*.

A UFRGS tinha tudo para se derramar pela cidade, a partir de seu Campus Central, onde se manifestava a clara vocação para a reunião de faculdades da área Humanística e de Artes, seguindo-se o seu Campus Médico, a ESEF e o Centro Olímpico e, por fim, a Agronomia e o Campus do Vale, que seria então a sede, por excelência, dos institutos básicos e da pesquisa.

Em consequência dessa nova concepção de Plano Diretor para toda a Universidade, urgia reformar, no Campus Central, os prédios das escolas e faculdades que lá permaneceriam, assim como buscar recursos para restaurar os prédios históricos.

Foi então feito um grande esforço de readequação do espaço físico no Campus Centro, atendendo solicitações das unidades que, na vigência do antigo Plano Diretor, permaneciam no aguardo de sua transferência para o Campus do Vale.

Re-adequação do espaço físico no Campus Centro

No Campus Centro, além do Salão de Atos, muitas obras de readequação do espaço físico foram feitas, a partir da transferência dos

Institutos de Física, Matemática e Geociências para o Campus do Vale.

Por oportuno, cabe ressaltar que todas as obras seguiram as diretrizes previstas no Plano Diretor de Espaço Físico da UFRGS, que já então consagrara o sítio como o destinado às atividades culturais, com a denominação de Centro Cultural.

Para tanto, estavam previstas as obras de restauração dos prédios históricos, já com todos os seus espaços internos cadastrados e seus detalhes construtivos recuperados por estudos realizados por especialistas, a época, contratados.

Dentre outras obras de menor porte e de readequação do espaço físico, podemos citar as seguintes, mais significativas:

- no prédio da Reitoria: gabinetes novos para o vice-reitor, procurador geral, Assessoria do reitor e Secretaria Geral no 6º andar; a instalação das Pró-Reitorias de Administração e de Extensão, da Prefeitura Universitária e dos Projetos Especiais no 5º andar; as reformas no 7º andar para melhor sediar as Pró-Reitorias de Graduação e Pós-Graduação; no 4º andar foi feita reforma geral na área do Departamento de Pessoal; no 2º andar foram recuperados o Salão de Festas e a Sala Fahrion e instalado o Museu Universitário; no térreo foram realizadas as obras da sede do Cocep e do Consun, além de reformada a recepção e instalados novos elevadores;

- no prédio da ex-Física, os espaços foram totalmente reciclados para sediar os departamentos da Prograd, salas-de-aula, posto bancário e o atendimento do Pró-Servidor;

- na ex-Biblioteca Central, já então transferida para o térreo da Reitoria, foram instalados o Cinema e o Teatro da UFRGS;

- no subsolo da ex-Química, foi instalado o Procon, ponto de distribuição à comunidade dos diversos produtos da Estação Experimental Agrônômica, do Instituto de Tecnologia dos Alimentos e, até, brinquedos feitos pela marcenaria com retalhos de madeira;

- na Rádio da UFRGS, reforma completa.

No primeiro quarteirão, o da Engenharia, foram executadas as obras de:

- reforma completa do prédio Parobé, após a saída do Instituto de Matemática, para sediar o Departamento de Mecânica da Escola de Engenharia;

- restauração do Observatório Astronômico;

- reforma geral do prédio do Departamento de Engenharia Nuclear;

- reformas de adequação de espaço nos prédios novo e antigo da Escola de Engenharia;

- reforma completa do prédio-sede da Faculdade de Economia, do seu auditório e criação de gabinetes de professores e pesquisadores;

- restauração do saguão e auditório da Faculdade de Direito.

- dispersos na malha da cidade, foram readequados espaços nos prédios do Instituto de Artes e do ex-Geociências, que passou a ser sede do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes.

No seu conjunto, somando-se a construção de obras novas, a conclusão de obras civis e a recuperação e reforma de espaços já existentes, alcançou-se um número aproximado de 120.000m², o que equivaleria a um imóvel de 120m² por dia, durante cada um dos mil dias da gestão.

O diagnóstico sobre a recuperação dos prédios históricos e sua destinação como Centro Cultural

É neste quadro de diagnóstico que surgiu o Projeto de Recuperação e Restauração dos Prédios Históricos da UFRGS, composto de treze edificações: a velha Escola de Engenharia, o Château, a Engenharia Nuclear, o Observatório Astronômico, a Escola de Engenharia Elétrica (Instituto Montauray), o Parobé e a Faculdade de Direito, todos no primeiro quarteirão.

No segundo quarteirão, os prédios da antiga Faculdade de Medicina, do Instituto de Química, da Rádio da Universidade, do prédio dos Curtumes e Tanantes (Instituto Tecnológico), na Oswaldo Aranha, ao lado da Faculdade de Arquitetura e o prédio da Faculdade de Economia (edificado no local do antigo Ginásio Julio de Castilhos).

Por fim, já na área do novo Campus do Vale, o prédio da Faculdade de Agronomia.

No que se refere a prédios históricos, a UFRGS era especialmente privilegiada, pois dispunha no centro da cidade de um belo conjunto arquitetônico, de valor inestimável, com edificações ímpares na paisagem da capital.

Reitero aqui, mais uma vez, a minha admiração pela visão de futuro daqueles notáveis homens que, no início do século, ousaram construir nos limites de uma acanhada cidade provinciana, até então caracterizada pelo casario baixo, pelos campos e alagados, este conjunto de prédios monumentais, que acabaram sendo o primeiro *campus* universitário brasileiro.

O Projeto do Centro Cultural da UFRGS foi então concebido, contemplando a restauração tecnicamente adequada desses prédios, com a gradual eliminação dos apêndices e “gambiarras” que os mutilavam. Previa também a eliminação dos galpões e edificações provisórias – que se tornavam permanentes -, que destoavam e desvalorizavam o conjunto. Em seu lugar, o paisagismo cuidadoso tomaria forma, enobrecendo ainda mais o conjunto.

A estratégia geral compunha-se de três fases: a liberação dos prédios históricos de atividades acadêmicas, transferindo as unidades que neles se situavam para novas instalações no Campus do Vale ou no Campus Médico, a restauração dos mesmos, de acordo com os padrões internacionais para essa tarefa e a reconversão dos mesmos para novas funções culturais.

Assim, o prédio da antiga Química, seria transformado no Clube de Professores da UFRGS, com restaurante, cantina e salão para reuniões e festas; o prédio do Parobé seria utilizado para sediar a Biblioteca Central e o nosso valioso acervo de obras raras; o prédio da antiga Faculdade de Medicina para tornar-se um grande Museu de Ciências; o da Engenharia Velha para ser o grande Museu da História da Universidade; outros prédios históricos seriam adaptados para instalar o Instituto de Artes, com seus diferentes departamentos; e os demais também assumiriam uma função cultural – museus, salas de música, laboratórios de arte, etc.

Para coroar essa enorme transformação na paisagem e na práti-

ca cultural de nossa Universidade e cidade foi feita a reconstrução do velho Salão de Atos, tornando-o uma casa de espetáculos moderna e bem mais ampla que aquela que recebemos. O resultado deste projeto foi um novo Plano Diretor para toda a Universidade e não mais somente para o Campus do Vale.

Química, Física, Matemática, Geociências, Central Analítica, Biotecnologia, Informática, Centro Tecnológico do Departamento de Metalurgia, foram levados para o novo *Campus*, e iniciaram-se as obras para levar também a Genética, liberando prédios históricos para sua recuperação.

Assim no Campus da Saúde, foi totalmente construída no período de nossa gestão a nova sede da Escola de Enfermagem e, com isso, seu antigo prédio na Protásio Alves (um improvisado edifício de apartamentos) foi totalmente reformado para receber o Departamento de Materiais da Pró-Reitoria de Administração, que funcionava no prédio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico). Por sua vez, este prédio recebeu importante intervenção em obras, e espaços livres que eram ocupados pela administração central, de forma a melhor sediar suas atividades acadêmicas.

Ainda no Campus da Saúde, reformas significativas foram feitas no prédio do Primeiro Ciclo, de modo a poder se transformar na sede do Instituto de Psicologia e abrigar as instalações provisórias para a direção da Faculdade de Medicina.

No mesmo período, foram totalmente construídos na ESEF os prédios da Biblioteca e salas-de-aula e o Módulo de Musculação, além de outras obras de reforma e adaptação no prédio principal.

A programação de férias do Centro Cultural

Equacionadas essas questões no terreno do planejamento – amplamente explicadas em artigos meus no Jornal da UFRGS – remaneceu o problema de sua viabilização econômica.

O MEC recusava-se a financiar a restauração dos prédios históricos, como um projeto isolado. A Universidade não possuía recursos para executá-lo.

Criamos então a Fundação Cultural Elyseu Paglioli, composta de

personalidades expressivas da sociedade gaúcha, para ajudar-nos na captação dos recursos necessários. Foram convidados e aceitaram dela participar os senhores Jorge Gerdau Johannpeter (Grupo Gerdau), Jayme Sirotsky (Grupo RBS), Bolívar Moura (Grupo Ipiranga), Hélio Smidt (Varig), Antonio Mafuz (MPM), Érico Ribeiro (Grupo Extremo Sul), Arturo Furlong (Grupo Sambra), Paulo Vellinho (Springer), Luis Carlos Mandelli (FIERGS), Ivoncy Iochpe (Grupo Iochpe), Wilma Araujo Santos (Grupo JHSantos), Moacyr Scliar, Pery Pinto Diniz, Rubens Maciel, Walter José Diehl, Humberto Ruga, presididos pelo reitor.

Durante dois anos, este grupo se reuniu na Reitoria, uma vez por mês, com a presença exclusiva dos titulares e apoiou, de forma decidida, tanto as três programações de férias que realizamos, como a reconstrução do Salão de Atos, agindo também como grupo de pressão sobre o Ministério em favor do projeto.

A idéia da programação de férias

Frente às dificuldades para viabilizar o financiamento de um projeto de restauração e reconversão dos prédios históricos junto ao governo federal, concluímos que somente criando fatos de grande impacto social, que demonstrassem como seria um Centro Cultural da Universidade, e como seria a cidade com seu Centro Cultural, poderíamos talvez captar o apoio necessário para realizá-lo.

Foi pensando em qual poderia ser este fato que se criou a Programação de Férias de um Centro Cultural que só existia, de maneira virtual, nos nossos planos e desejos!

A idéia básica era constrangedoramente simples. Ao contrário das grandes cidades do primeiro mundo, com museus e pinacotecas centenárias, teatros, casas de espetáculos às dezenas, modernos centros culturais, instituições com acervos bem cuidados, recolhidos há dezenas ou centenas de anos, todos beneficiados pela prática já longeva do mecenato, Porto Alegre, e o Brasil de modo geral, não os possuíam. As instituições centenárias que possuímos não dedicaram, de modo geral, atenção e recursos para constituir acervos, ordená-los, mantê-los e expô-los à sociedade.

Assim, no primeiro mundo, o ensino dos jovens, é suplementado pela visita a essas instituições e a cultura é posta ao alcance da sociedade, de maneira atraente e barata. La Vilette, Beaubourg, Invalides, Musée de L’homme, Musée D’Histoire Naturel, British Museum, Museum of Natural History, Smithsonian, National Gallery e tantas outras instituições análogas são referências universais de cultura, mas também são marcas indelévels das cidades que as abrigam, pontos turísticos obrigatórios e centros de difusão de conhecimento.

Não os criamos no passado, não teríamos tempo para começar a constituir acervos, nessa escala, a partir de então. Havia, entre nós, porém, uma instituição que, há pelo menos um século, vinha investindo em formar acervos, colecionar e preservar peças, acumular cultura e conhecimento em todas as áreas e acompanhar o conhecimento universal: a Universidade.

Tínhamos acervos importantes em todas as áreas: paleontologia, mineralogia, botânica, zoologia, máquinas e equipamentos, mobiliário, livros, pinacoteca, fotografias, manuscritos, escultura, jornalismo, etc.

Além disso, tínhamos autoridade científica e cultural para obter de entidades privadas licença para usar e exibir acervos que não nos pertenciam.

A Universidade podia assim tornar-se o “sucedâneo” daquelas entidades e instituições dos países ricos, podendo, inclusive, obter por convênios a licença para apresentar suas coleções. Bastava tornar esse material disponível à sociedade de maneira gratuita, acessível, orientada.

Esse o germen da idéia do Museu Universitário e das exposições dos nossos acervos, montadas, dirigidas e apresentadas pelos nossos professores e alunos das respectivas áreas.

Não tínhamos ainda um espaço exclusivo onde instalá-las de maneira definitiva. Mas podíamos fazer exposições sucessivas, abrindo-as para as crianças e jovens de nossas escolas e para os nossos próprios alunos.

A partir dessa idéia seminal, o projeto ganhou desdobramentos

inesperados. Cada laboratório da Universidade seria o objeto de curiosidade para algumas pessoas, se a abrangência da participação abraçasse toda a população. Porque então não pedir a cada professor que abrisse seu laboratório, uma ou duas vezes por ano, para explicar o que se pesquisa nele?

Mais ainda, se cada professor da Universidade aceitasse oferecer um dia de férias para a programação cultural na sua área, quantas oficinas de dança, música e instrumentos, informática, pintura, ciências, literatura, história, botânica, zoologia, para citar apenas algumas, podiam ser criadas e oferecidas às pessoas interessadas.

Daquela idéia matriz e dos fáceis desdobramentos que ela ensejava, nasceu a idéia da Programação de Férias do Centro Cultural. Meu plano era abrir totalmente a Universidade para programas culturais e educativos, numa escala societária, no período de férias, por duas semanas.

Imaginava que o impacto deste acontecimento criaria um fato com força suficiente para servir de prova da viabilidade e da urgente necessidade social de um Centro Cultural em torno da Universidade, que convencesse as autoridades a financiar a restauração dos prédios históricos.

O projeto foi considerado por todos, inclusive pelos mais próximos, como impossível de executar, como um grande risco de fracasso.

Convencido de sua viabilidade, dei início à sua execução. A programação de férias deveria ser estruturada em torno de módulos temáticos, coordenados por um professor que se assessorava de colegas da área para montar os eventos sob sua responsabilidade.

Qualquer necessidade que tivesse para seu módulo, devia trazer diretamente à Comissão Central presidida pelo reitor.

O conjunto de eventos, constantes de cada um dos módulos, formava a Programação de Férias do Centro Cultural, que se derramava por todos os espaços – improvisados – da Universidade.

Usava-se, por exemplo, o saguão da Reitoria para laboratório de informática para crianças, salas-de-aula para praticamente tudo, todos os auditórios, o Parque da Redenção nas imediações da UFRGS, os laboratórios, etc. O programa era anunciado por todas as mídias e,

no dia seguinte, era emocionante ver as filas de pessoas, de todas as idades e condição social, aguardando para se inscrever nos eventos. Filas não só de pessoas mas também de ônibus, trazendo crianças de escolas distantes para participar da programação.

Diariamente, os jornais, a rádio e a televisão destinavam espaços generosos para anunciar os eventos do dia, sua localização e horário assim como para as entrevistas que faziam com as personalidades que vinham participar da programação. Tornara-se um Festival da Cidade, atraindo pessoas aos milhares para a velha Universidade, que se renovava no burburinho das pessoas que vinham a ela em busca de conhecimento, lazer, cultura e informação. Realizava-se, em escala societária, a sempre tão falada e tão buscada integração entre a sociedade e a Universidade.

Foram três as programações de férias: julho de 1986, dezembro de 1986, e agosto de 1987. Trouxeram as três para dentro da Universidade um total de aproximadamente duzentas mil pessoas para participar de algum dos mais de 3.500 eventos programados.

Essas programações significavam, também, a forma que tínhamos para provar às autoridades a importância de apoiar a criação do Centro Cultural da Universidade, através da restauração dos nossos prédios históricos, que seriam readaptados para sediar aquela atividade de forma permanente.

Sentíamos que projetos, argumentos, desenhos não bastavam. Que era necessário criar um fato de grandes proporções para que a idéia ganhasse viabilidade. Assim, surgiram as programações de férias de um Centro Cultural que ainda não existia mas que, mesmo em instalações improvisadas, provava a sua viabilidade.

1ª Programação

Período: 28 de julho a 8 de agosto de 1986.

47.500 participantes em 12 dias de atividades (3.958 participantes por dia)

1050 eventos (87,5 eventos culturais por dia; 45 participantes por evento)

18 módulos: Educação, Informática, Infanto-juvenil, Informações

profissionais, Saúde, Temas atuais, Centro Cultural, Dona-de-casa, Literatura e língua, Acervos, Comunicação, Tecnologia, Biotecnologia, Cidade, Ecologia, Rio Grande do Sul

2ª Programação

Período: 8 de dezembro a 18 de dezembro de 1986.

25 módulos.

820 eventos, 50 filmes.

3ª Programação

Período: 3 de agosto a 14 de agosto de 1987.

111.144 participantes (média de 9.262 pessoas por dia).

55 módulos.

1.553 eventos (média de 129 eventos por dia; 71 participantes por evento)

112 conferências

134 cursos com 12.024 matriculados.

920 professores e funcionários envolvidos.

Já na preparação da 3ª Programação, recebíamos dezenas de telefonemas de professores, artistas, cientistas querendo saber quando seria a programação para reservar espaços em suas agendas para participar.

O projeto estava implantado no Rio Grande do Sul e tornara-se conhecido e valorizado no país.

O novo Salão de Atos

Se todo o grande projeto do Centro Cultural não pode ser concluído, ficou a idéia a inspirar muitas outras iniciativas que, mesmo sem a mesma dimensão, em muito valorizam o cenário da cultura gaúcha.

Mas o Centro Cultural deixou mais que uma idéia. Legou à cidade uma belíssima casa de espetáculos – o Salão de Atos da UFRGS –, outra marca que orgulha nossa gestão, pela criatividade técnica dos nossos profissionais, pelo arrojo da proposta de intervenção, pela coragem de enfrentar o empreendimento, eis que não se dispunha de recursos para sua implementação completa no pouco tempo que ainda restava de gestão, praticamente o do último ano.

O antigo Salão, construído por Paglioli, histórica sede da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e dos grandes eventos acadêmicos, científicos e culturais da nossa cidade, foi deixada apenas na sua “casca”. Toda a parte interna do salão foi desmanchada, escavadeiras e caminhões passaram a transitar no seu interior, enquanto se iniciava a grande obra de sua reconstrução.

Permito-me aqui lembrar o angustiante momento em que fui informado pelo pró-reitor de Administração que houvera um erro na orçamentação da obra – por problemas estruturais, se recordo bem – e o recurso necessário ainda era maior do que o que vínhamos lutando para conseguir.

Mais uma vez, como tantas vezes fizemos, redobramos os esforços e, criativamente, novas soluções foram encontradas. A solução veio sob a forma de um convênio firmado entre o Governo do Estado e a Universidade.

O governador Pedro Simon, numa ação decidida e decisiva, firmou convênio, mediante o qual o Estado repassava recursos indispensáveis à conclusão da obra e teria, à sua disposição, o Salão, por um certo número de meses ao ano, para sua programação própria.

Com esses recursos e com materiais e componentes construtivos redefinidos, conseguimos concluir a reconstrução do Salão de Paglioli ainda durante a gestão.

Faltou muito pouco para tudo acontecer! Com o fim da gestão, a programação de férias nunca mais foi realizada.

Com satisfação, registro o concerto memorável de Arthur Moreira Lima nas então “ruínas” do Salão de Atos, assim como o Festival de Reinauguração, composto por diversos espetáculos, da música clássica à popular, do balê ao teatro, com atores como Natália Timberg e Sérgio Brito.

O Museu Universitário

Peça importante da decisão de provocar o fato do Centro Cultural, antes de sua efetiva materialização nos prédios históricos restau-

rados, foi a criação e a sucessão de exposições realizadas pelo projeto especial do Museu Universitário.

Elas aconteciam em seqüência continuada ao longo do ano, não esperando a oportunidade da programação de férias para ocorrer.

Eram realizadas, sob a coordenação de Maria Helena Bered, por departamentos e unidades universitárias, e abertos à população em geral, de forma gratuita.

Com o correr do tempo, instituições que possuíam exposições já prontas, passaram a usar o nosso espaço e a *griffe* do Museu Universitário, como sede para suas exposições, como foi o caso da Editora Abril, da exposição sobre Leonardo da Vinci e outras.

O Museu, com suas exposições, além de atrair a visita da comunidade universitária e da população, era especialmente usado pelas escolas de 1º e 2º graus de Porto Alegre. Estas marcavam, com antecedência, visita dos alunos, chegavam em ônibus e eram recebidas por professores da Universidade e estagiários, que acompanhavam os alunos na visita, explicando e dando detalhes sobre as peças em exposição.

Foram centenas de ônibus e milhares de alunos de nossas escolas, os que usaram as exposições do Museu como um recurso instrucional complementar.

A relação abaixo, ainda que incompleta, dá uma idéia das exposições do Museu, da abrangência dos temas e, sempre que possível, da sua relação com eventos da atualidade, como foi a do Cometa Halley.

Exposições do Museu Universitário

1. Instalação oficial do Museu Universitário
2. Acervo da Pinacoteca do Instituto de Artes – 26/11/1984
UFRGS – Retrospectiva histórica – 26/11/1984
3. Mostra José Lutzenberger: Coleção Farrapos – aquarelas e desenhos e Arquitetura comemorativa da Exposição do Centenário Farrapilha de 1935 – 27/3/1985
4. 1ª Exposição de Ciência e Tecnologia: Os minerais e as rochas – Instituto de Geociências – 30/5/1985.
5. Exposição sobre a Semana de Arte Moderna Mário de Andra-

- de, João Guimarães Rosa e o Desenho contemporâneo – 19/08/1985
6. Livros Raros e Preciosos – Feira do Livro – 25/10/1985
 7. 2ª Exposição de Ciência e Tecnologia: Vegetal, fonte da vida do Instituto de Biociências, Faculdade de Agronomia, Instituto de Geociências, Faculdade de Farmácia, Escritório Técnico do *Campus* e Estação Experimental Agronômica – 30/10/1985.
 8. Retrospectiva das Exposições de 1985 – Ceclimar – Imbé – 30/01/1986
 9. O cometa e o Cosmos – Instituto de Física – 22/01/86
 10. Cerâmica: pesquisa e expressão – Instituto de Artes – 24/06/1986
 11. Cerâmica e arqueologia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais e Laboratório de Arqueologia – 26/10/1986
 11. Pintura pós TV – Instituto de Artes – 25/11/1986
 12. Trabalho industrial e tecnologia no Rio Grande do Sul 1880/1940 – IFCH, Departamento de História, equipe do projeto Processo de Industrialização do RGS – 09/06/1987
 13. Os inumeráveis estados do Ser – experiências em terapêutica ocupacional – 23/08/1987
 14. O Humor Impresso – Caricaturas selecionadas da coleção de obras raras da Biblioteca Central – Feira do Livro – 30/10/1987
 15. Missões 300 anos – Ministério da Cultura – 07/12/1987

Conclusão

Para viabilizar este ambicioso projeto – da criação do Centro Cultural da UFRGS e restauração dos seus prédios históricos, que foi imediatamente assimilado pela comunidade gaúcha – propôs-se uma parceria do setor privado com o governo federal.

O consistente apoio da comunidade gaúcha, o absoluto comprometimento de toda a bancada parlamentar, a expressa e irrestrita manifestação de aprovação dos governos municipal e estadual, e a chancela da classe empresarial – através da Fundação Eliseu Paglioli –, fizeram com que rapidamente tramitasse no governo federal o pleito de financiamento para as obras.

Foi uma luta contra o relógio mas, infelizmente, a gestão aproximava-se do seu final e não conseguimos ultimá-lo a tempo. Ao final de nossa gestão, o financiamento já tinha sido formalmente aprovado pela Presidência da República, após pareceres favoráveis do MEC, do Ministério da Fazenda e da CEF, estando em elaboração pelas respectivas procuradorias jurídicas o termo de contratação entre a União e a CEF.

Em 17 de agosto de 1988, encerrei meu mandato e voltei para as salas-de-aula do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, onde me encontro até hoje.